

## Fundação Universidade Federal do Rio Grande

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

*Volume especial, outubro de 2004.*

### **DA CRISE DA SIMPLICIDADE À CRISE DA CRISE: DO PÓS-TUDO À HOLONOMIA**

Celso Luiz Lopes Rodrigues

#### **Introdução**

De tudo fala-se que está em crise. É a crise da economia, da governabilidade, do trabalho, do capital, do capitalismo, do marxismo, da crise do marxismo, da razão, do conhecimento, da humanidade, da educação, da modernidade, da universidade, da simplicidade, e até a crise da crise. Neste trabalho, vai-se operar sobre alguns conceitos de modo um tanto quanto assistemático (e apelando, talvez, para um estilo que poderá ser considerado, pelos acadêmicos mais clássicos, pouco acadêmico), visando fazer convergir estas manifestações de crise, ou de situações críticas, para uma percepção de que um conceito está para emergir, em substituição ou, pelo menos, em sucessão à estrutura hoje vigente segundo a qual se percebem todas estas “crises”.

Na Antigüidade, o Mundo era estável. Por exemplo: a Terra era sustentada por elefantes encima de tartarugas gigantes, que ficavam encima de ... Bem, como saber o que havia abaixo da tartaruga? O certo é que Ptolomeu via a Terra como centro do Mundo,

sede do Rei da Criação, o Homem. E, assim, apesar dos perigos, nos sentíamos seguros, pois havia realmente um chão, e nada sabíamos do que não sabíamos.

Em um dado momento, este Mundo se abalou. Copérnico, Kepler e Galileu assentaram pontos do chamado Mundo Moderno: O Sol no centro do sistema planetário, a Terra “periférica”. O Homem perde um pouco de pé. Na continuidade, Newton consolida o raciocínio meramente geométrico daqueles pensadores com o conceito de *força*, ou, como disse ele originalmente, de *interação*, estabelecendo a estabilidade do sistema e a possibilidade de *prever* os seus estados futuros. Ao mesmo tempo em que desenganava um certo tipo de orgulho, instituía outro, mas lançando as bases de outra crise, que terá continuidade importante na Relatividade e na Mecânica Quântica. No infinitamente pequeno, a partícula se revela praticamente VAZIA: a materialidade é apenas RELAÇÃO e uma PEDRA não desaparece, não se desmancha, porque as partículas se entrecrocaram. Se pararem, a pedra DECAI no nada...

São Tomás de Aquino já fizera a crítica da razão: “A razão é a imperfeição da inteligência”. Esta oposição entre racionalismo e inteligência não racionalista coloca a Inteligência numa oposição à Intuição (de *intus legere*, ou “ler/para/dentro”, é o movimento que permite recuperar a inspiração de nossa voz interior, por vezes mais sábia que a parcamente instrumentada razão medieval).

Ao fim e ao cabo, a maior crise é a do “Sonho de Descartes”. Em 10/11/1619, em Ulm, na Bavária, René Descartes, aos 23 anos, teve três sonhos, e atribuiu ao terceiro um significado de longuíssimo alcance: a unificação de todo o conhecimento por um único método universal, pelo qual todos os problemas humanos, fossem científicos, legais ou políticos pudessem ser tratados racional e sistematicamente através de uma computação lógica. Dezoito anos depois, publicou o “Discours de la Methode: pour bien conduire la raison & chercher la verité dans les sciences”. Eis o resumo de seu Método Científico, *mirabilis scientiae fundamenta*: a) aceitar somente aquilo que seja tão claro em nossa mente, que exclua qualquer dúvida; b) dividir os grandes problemas em problemas menores; c) argumentar, partindo do simples para o complexo; d) verificar o resultado final.

Vê-se que, na verdade, Descartes, ao sintetizar seu Método, desconfia das ciências. Não nega, pelo contrário, busca a *multiplicação* das visões. Mas prega o processamento singular dos elementos. A dita modernidade consolida-se a partir daí. Terá como expressão máxima o CAPITALISMO (pelo menos no Ocidente) em sua obsessão pela eficiência em nome da maximização de resultados. Mais tarde, Marx questiona a modernidade, criticando a estabilidade econômica, afirmando que não é certo que a ordem econômica seja definitiva. Mas estabelece outros elementos de uma metaestabilidade: a História se desenrolaria segundo LEIS científicas (?).

### **Crise da simplicidade**

Descartes, com seu programa baseado em excluir a dúvida, dividir os problemas, começar pelo mais simples e verificar, teve belos resultados: a Teoria da Evolução, a Eletrônica, os transplantes, a clonagem, os computadores, o Projeto Genoma, a Internet, a *Mars Pathfinder*, os transgênicos... E também o *Enola Gay* e *The Mother of all Bombs*... E, afinal, o proclamação FIM DA CIÊNCIA... Ou seja: o cartesianismo, que funda a Era Moderna, NÃO resolveu todos os problemas, especialmente os sociais. Sob seu signo aconteceram o Holocausto da Segunda Guerra Mundial e o ataque ao *World Trade Center*; há quatro bilhões de pobres, destes 1.2 bilhão de miseráveis, e 30.000 crianças morrem todo dia de FOME. E são alvos do questionamento hoje, para se ultrapassar a modernidade: o Estado – pela sua inviabilização; a Família – pela sua descapacitação; a Religião - pela sua desinstitucionalização; a Escola - pela sua desconstrução. E até pouco tempo, louco era quem não se adequasse a estas instituições. Hoje, é louco quem acredite nelas.

Numa ação do capitalismo vigente, privatiza-se o material e socializa-se o simbólico (FREI BETO, 2004). Nesse compasso, todos vêm TV e sonham com a Megasena. Vai-se ao shopping como quem ia à missa: com a melhor roupa. O shopping é o templo do consumo. Tentando interpretar esta crise, identifica-se-a como uma crise de adequação e de rebeldia contra o estabelecido. MAS não é uma crise de contestação ou de reconstrução racional: é a generalização de crendices. Por exemplo: cientistas espiritualistas, professores que crêem que os extraterrestres estão entre nós... Partidos comunistas que deixam de ser

ateus e passam a ser... laicos. Afinal, o povo é crente. Bom. Como abraçar a causa do povo, sendo ateu? O povo reage aos racionalismos com intuição. E reforça suas crenças, ainda que contradigam as teorias bem pensadas. Enfim, se simplificar, excluir as dúvidas, deu origem ao progresso técnico que aí está, inegável, é também claro que atinge um esgotamento.

O cartesiano busca a quebra da complexidade em partes simples. Mas, o que é simples? É o elementar, que só admite um nível de tratamento. Mas, em consequência... É óbvio, não responde nem reage, ou seja: não mantém **relações**. Enfim, u'a marca extremamente típica do simples é que ele NÃO INDAGA NADA! Na verdade, NADA é simples, muito menos o Nada em sua oposição ao Ser. Nem mesmo o Nada é elementar ou óbvio e só "existe" em função de suas relações com o não-Nada...

Uma resposta à crise do simples, emerge o conceito do **complexo**: este admite que nada é somente em-si; tudo é RELAÇÃO; nada está nem é definitivo; tudo é INSTÁVEL. Incorpora os aspectos de não linearidade, auto-organização, caos, criticalidade e alta dimensionalidade. INTERAGE inconsciente/descuidada/mente, sob risco, sabendo elementos sobre o que não sabe. Mas o problema do complexo é que ele *não administra a complexidade*.

### **Pós-tudo e pós-moderno**

O conceito da complexidade não é o único que envolve a superação do moderno e de suas dificuldades.

Em seu poema "pós-tudo", diz Augusto de Campos: "quis/mudar tudo/mudei tudo/agora póstudo/extudo/mudo". Faz uma crítica ao pós-modernismo e outras correntes pós-"alguma coisa" que andaram sendo propostas nos últimos tempos: depois de ter-se lançado à mudança de tudo, tornou-se "pós-tudo", ou "ex-tudo", e continuando a mudar ("mudo"), ou "extudando" mudo.

O pós-modernismo é a cultura da sociedade pós-industrial (segundo KUMAR, Krishan, 1995, apud Rampazzo). Ou seja: o pós-moderno está para a cultura como o pós-industrial está para a sociedade. E esta sociedade pós-industrial é nominada em 1962, por Daniel Bell, como o conjunto de novas estruturas nas sociedades da segunda metade do século XX. Seu ponto histórico de identificação é 1956, nos Estados Unidos, quando o número de trabalhadores administrativos supera o de trabalhadores da produção. Caracteriza-se pela mudança de uma economia de produção de bens para uma de serviços; a predominância da classe profissional e técnica, em funções que exigem certo grau de educação superior; a centralidade do conhecimento teórico, recurso estratégico, fonte de inovação para a sociedade; e a primazia da teoria sobre o empirismo. Sob o controle da tecnologia e da distribuição tecnológica, a regulamentação da tecnologia é exequível. Institui-se a nova "tecnologia intelectual", regras para a solução de problemas baseadas em julgamentos intuitivos incorporadas a uma máquina automática, a um programa de computador ou a um conjunto de fórmulas estatísticas, por exemplo.

No entanto, o pós-industrial emerge do industrial clássico, não apenas vem depois dele: traz sua marca, implicando um certo grau de continuidade. Aliás, a sociedade industrial (1750-1950), de início, tinha um caráter mais *pós-rural* do que industrial propriamente (RAMPAZZO, 2004). Mas, nesse caso, o que viria no lugar do INDUSTRIAL? Diversas propostas foram feitas, como sociedade pós-civil; sociedade pós-capitalista; sociedade pós-materialista; sociedade em impasse; sociedade despreparada; idade do equilíbrio; estado de entropia; sociedade programada; sociedade narcisista; sociedade tecnocrônica; sociedade dos serviços; etc.

A pós-modernidade é, então, uma tentativa de unificar os movimentos conflitantes de crítica à modernidade. Mas, é forçoso concluir, só terá sucesso quando incorporar uma crítica a si mesma. Entretanto, só dispõe do ferramental moderno! Ela não é, então, na verdade, pós-moderna, é **hipermoderna**.

Numa outra formulação, ainda mais subsequente, aventa-se o mundo *pós-humano*, significando a superação do humano ou, meramente, o que vem após o humano: os ciborgs

e os neohumanos projetados ou o fim de uma certa concepção de humano, aplicada a uma fração da humanidade que detém a riqueza, o poder, e tem o prazer de se autoconceituar como seres autônomos exercitando sua vontade através de escolhas individuais (Hayles, 1999). E o mundo *trans-humano*? Neste estágio, os humanos devem se libertar de seu destino biológico conformado pelo processo de evolução cega, baseado nas variações randômicas e adaptações forçadas, e elevar-se a um patamar de controle sobre a própria espécie (idem). Em paralelo com o conceito de mundo trans-humano, outras formulações têm aparecido: pós-biológico; cibernético e informático; pós-evolucionista; do corpo biomáquina; condição pós-humana. Para outros (Ascott), o pós-humano caracteriza-se pela "consciência emergente que se expande para além do organismo".

### **Em direção ao holonômico**

O termo, cunhado aqui, holonômico, designa um procedimento de investigação e desenvolvimento cognitivo que conhece que/como tudo transita para a MULTIPLICIDADE ou holonomia (holos + nomos, em oposição à anomia, que é a falta de modelos). A holonomia incorpora todos os aspectos da complexidade, e mais: opera em múltiplos níveis; admite a lógica múltipla: há coisas que, sim, podem *ser e não ser*; admite os efeitos não locais e os comportamentos emergentes como *naturais*. Enfim, INTERAGE consciente/controlada/mente sem risco ou sob risco calculado, sabendo muito sobre a estrutura do que não sabe e administra a complexidade.

### **Conclusão**

Do simples anódino, mas seguro porque ignorante, transitamos hoje por tempos complexos, com todos os riscos da insegurança e até os medos do conhecimento incompleto.

Se ultrapassarmos a fase complexa, deveremos chegar à holonomia, consciência do todo, com o potencial de enfrentamento do desconhecido do qual não se conhece o conteúdo, mas se tem a prospecção da estrutura.

## **Bibliografia**

ASCOTT, Roy. *Telematic embrace: visionary theories of art, technology and consciousness*. Berkeley: University of California Press, 2003.

BELL, Daniel. *O advento da sociedade pós-industrial*. São Paulo: Cultrix, 1973.

DAVIS, P. J. ; HERSHEM, R., *O sonho de Descartes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

FREI BETO (LIBÂNEO, J. B.). *Palestra sobre a pós-modernidade*. Universidade de Brasília (transmissão pela TV Câmara, out. 2004)

GAMBARATO, Renira Rampazzo, 2004, Extudo do Pos-Tudo, *Revista TEXTOS de la CiberSociedad*, 4. Temática Variada. Dispon. em <http://www.cibersociedad.net> Acesso em 25/06/2004.

HAYLES, Katherine. What does it mean to be posthuman. In *How we became posthuman*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999. 283-291.

KOKUBUN, Fernando. *Complexidade versus simplicidade*. I Colóquio sobre Estudos e Pesquisas da Complexidade. FURG, out. 2004.